

# Sonoridades, escutas e aprendizados de Antropologia com o uso de *podcasts* em sala de aula<sup>1</sup>

Anita Ferrari (PIBIC/UnB)

Daniela Manica (LABJOR/Unicamp)

Soraya Fleischer (DAN/UnB)

**Resumo:** Neste artigo, serão analisadas as possibilidades sonoras de um programa de *podcast* científico, o Mundaréu, para o aprendizado de Antropologia em sala de aula. Ao ouvir um *podcast*, instigamos o ouvido e a escuta, por isso, as características dos sons, das falas, dos silêncios e das músicas serão levados em conta aqui, bem como a percepção dos estudantes sobre esses sons e sua influência nos seus processos de aprendizagem. Para tal análise, será utilizado um conjunto de dados produzido durante o primeiro semestre de 2020, com a participação de integrantes do Mundaréu em aulas de 14 disciplinas ofertadas na Universidade de Brasília (UnB). O experimento gerou para este trabalho um extenso formulário com 122 respostas de estudantes e uma avaliação do experimento com 35 respostas desses estudantes, além de uma avaliação específica, produzida por uma das professoras em sua disciplina, cuja questão com 38 respostas também serviu de guia para a pesquisa. Com isso, evidenciam-se as oportunidades que a escuta oferece para entender mais “de perto”, isto é, com mais intimidade, histórias e experiências que aproximam os alunos do conhecimento na prática, na realidade, no dia-a-dia.

**Palavras-chave:** podcast; escuta; Antropologia sonora; educação.

## 1 Introdução<sup>2</sup>

O *podcast* existe há bastante tempo e pode ser definido como um arquivo de áudio digital disponibilizado na internet e passível de *download*, podendo ser ouvido a qualquer hora em qualquer lugar. Como bem descreve Porto (2012), o surgimento do *podcast* é fruto da transformação do rádio, em um contexto de plena convergência de mídias, com a chegada de novas tecnologias na segunda metade do século XX, em especial a televisão. Embora não tenha substituído completamente os programas de rádio, o *podcast* é consequência da flexibilização dos moldes de produção de conteúdo radiofônicos, já que a chegada da internet na década de 1990 permite com que a informação passe a ser transmitida de “ponta-a-ponta”, expandindo, acelerando e intensificando as trocas. A TV,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> O Mundaréu é apoiado pelo Departamento de Antropologia, PIBIC e CEAD na Universidade de Brasília; pelo PROEX, NUDECRI, SAE e LABJOR na Unicamp. Agradecemos também as leituras atentas que este texto recebeu da equipe do Mundaréu.

nesse contexto, trouxe os conteúdos de imagem, uma revolução aos olhos que criou novas necessidades, gostos e preferências de consumo. Assim, o *podcast* insurge aos poucos como uma mídia manejável, não mais prendendo o ouvinte a um contexto espaço-temporal rígido e determinado, mas permitindo o que indica o seu significado, “pod” - “program on demand” (ref).

A grande popularização desse tipo de programa nos últimos tempos, principalmente em meio à era de pandemia do Covid-19, revela as novas necessidades de quem os escuta: a de realizar outras atividades em paralelo, que exijam a movimentação da ouvinte ou que permitam também lazer, relaxamento ou mesmo mais concentração. Limpar a casa, lavar a louça, fazer alguma atividade física, o tempo no caminho para o trabalho, meditar, aprender e praticar um novo idioma são alguns exemplos dessas necessidades. Podcasts também são muito utilizados como ferramenta do jornalismo, desde debates esportivos aos políticos. Lundström e Lundström (2021), por exemplo, apresentam o impacto da produção dos programas em áudio na política e na opinião pública na Suécia. Os autores analisaram como um grupo radical de direita atuou e cresceu ao longo dos anos por meio da produção dos *podcasts*.

Também se constata cada vez mais o uso do *podcast* em sala de aula como ferramenta pedagógica, a exemplo de Ribas e Noronha (2022), em artigo que discute o podcast como ferramenta didática e a importância do uso da oralidade e dos conteúdos auditivos nas aulas de Antropologia (*ibid.*: p. 4). Além disso, outras autoras como Fleischer e Manica (2020) destacam como a escuta de *podcasts* se intensificou durante a pandemia de Covid-19 como uma alternativa para “desafogar os olhos” das telas, redes sociais, textos e aulas *online*, possibilitando também outras maneiras de aprender e manter contato com o conteúdo da disciplina, mesmo à distância. Também relatam sobre o expressivo aumento da criação de novos *podcasts* na área da Antropologia nesse período. As autoras explicam como o formato narrativo, mais rápido e menos hermético dos programas é uma forma de comunicar, traduzir e popularizar o conhecimento da área (*ibid.*, p. 50).

Os formatos de *podcasts* fazem-se variados e incluem desde bate-papos, rodas de conversa e mesas de debate a entrevistas e monólogos. As abordagens são igualmente diversas, e a depender do assunto e do nível de descontração, tornam-se *podcasts* de entretenimento, de veiculação de notícias, de educação, científicos, astrológicos e muitos

outros, dentre as várias possibilidades. O Mundaréu é um tipo de *podcast* científico que discute a Antropologia, seus conceitos, metodologias, histórias, experiências e tensões. Ele visa atingir não somente uma comunidade acadêmica e de estudantes da área, como também outras partes da sociedade. O Mundaréu surgiu em 2019, a partir de uma parceria entre duas antropólogas e amigas de universidades distintas, Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília (UnB) e Daniela Manica, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além de conceber, produzir e coordenar a equipe interinstitucional, elas também são as apresentadoras do programa.

Desde então, o Mundaréu foi agregando estudantes das duas universidades em sua equipe de produção, tanto do nível de graduação quanto da pós-graduação. Isso possibilitou também um trabalho de aprendizado, pesquisa e extensão que resultou em diversos artigos, como este, inclusive. A equipe também produziu resenhas, entrevistas, apresentações em congressos e a participação em outras redes de *podcasting* científico. Em especial, a equipe de estudantes do Mundaréu tem produzido desde 2020 uma minissérie, “Mundo na sala de aula”, visando estudantes de Ciências Sociais e Antropologia como público preferencial<sup>3</sup>. Ao longo do seu primeiro triênio (2019-2021), o Mundaréu acumulou diversos dados, como arquivos de áudio, transcrições, roteiros de episódios, edições, publicações e uma bibliografia a respeito do *podcasting*. Os dados aqui analisados também foram produzidos nesse período.

Neste artigo, vamos analisar um conjunto específico desses dados. Em 2020, a equipe realizou o projeto intitulado "O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem", com apoio do Centro de Educação à Distância (CEAD/UnB). Duas temporadas, a primeira temporada do Mundaréu, de 2019 e 2020, com 8 episódios, e a primeira temporada do Mundo na Sala de Aula, de 2020, com 6 episódios, foram oferecidas como material didático para disciplinas ofertadas na área da Antropologia naquele semestre da UnB. Eram disciplinas de várias unidades acadêmicas distintas, como o Departamento de Antropologia (DAN), o curso de Educação no Campo na Faculdade de Planaltina (FUP) e os dois cursos de Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva e da Faculdade de Ceilândia (FCE) (RIBAS e NORONHA, 2022). As

---

<sup>3</sup> Um exemplo é a Rádio Kere-Kere, que reúne *podcasts* de Antropologia e das outras Ciências Sociais ([radiokerekere.org](http://radiokerekere.org))

atividades e ações do projeto, registradas e documentadas pela equipe, serão aproveitadas aqui especialmente para analisar como o material sonoro produzido por este *podcast* e a atividade da escuta durante as aulas incidiram sobre o aprendizado das estudantes.

Algumas discussões no Brasil vão nos ajudar, particularmente as pesquisas sobre o som e as etnografias do som, da música e da chamada etnomusicologia. Assim, tem-se obras como as de Feld (1984) e Seeger (1987), em diálogo com os estudos centrados no som, mostram como o foco sai da visão e centra-se na audição, a partir da qual busca-se interpretar o sentido das músicas, as percepções acerca dos sons e a forma como esses sons, cantos e músicas produzem e reproduzem símbolos, estruturas e instituições nos contextos dos quais fazem parte. Bastos (1995) ajuda a consolidar a área chamada Etnomusicologia, discutindo também os efeitos e sentidos que a música ocidental tem para ouvintes, teóricas e antropólogas. Cardoso de Oliveira (1996) também discute os lugares da escuta, da visão e da escrita no decorrer do trabalho antropológico e a importante conjunção entre visão e audição no ato de fazer pesquisa de campo.

Vedana (2010) aproveita esse acúmulo do século passado e traz à tona uma forma de fazer etnografia em meios urbanos que focaliza os sons, os ruídos e os ritmos, para percebê-los como parte das expressões simbólicas e culturais da vida cotidiana (*ibid*: p. 3). Os seus conceitos de “paisagem sonora” e “ambiência sonora” serão muito úteis. Outras etnografias sobre o som nos acompanharão aqui. Como o trabalho de Campos (2020), que acompanha turmas de orquestra na Escola de Música da UFRJ, em especial percebendo como é a formação de um regente de orquestra. Porto (2012) também discute como as tecnologias antigas e novas, rádio e *podcasting*, convergem no contexto de narrativas transmidiáticas, gerando novas formas de comunicação.

## **2 O projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”**

Em 2020, junto ao Centro de Educação à Distância (CEAD/UnB), a intenção principal de nossa equipe foi experimentar o uso de episódios do Mundaréu e da minissérie Mundo na sala de aula em disciplinas da UnB. Fizemos convites e 13 professoras aceitaram o desafio e incluíram em seus programas de curso os episódios. A escuta e discussão dos episódios teriam a finalidade de oferecer mais formatos para aprofundar o conteúdo, complementar textos ou outros materiais utilizados nas aulas e

adotar e/ou testar novas estratégias pedagógicas. Os episódios foram ouvidos antes, durante ou depois das aulas pelas estudantes e discutidos em uma aula reservada entre a turma, a professora e uma dupla de estudantes da equipe do Mundaréu. O debate sobre os episódios poderia acontecer nessa aula ou, por exemplo, ser conduzido por exercícios escritos ou de áudio para serem realizados em casa. Tendo em mente que 2020 foi o ano de início da pandemia de Covid-19, as aulas aconteceram de modo remoto e *online*, através de plataformas de videochamadas e por meio da troca de emails e mensagens entre a equipe do Mundaréu, as professoras da UnB e suas respectivas turmas.

As 13 professoras eram da área de Antropologia ou utilizavam a Antropologia como conteúdo norteador nas disciplinas. Uma professora estava a cargo de duas disciplinas e, portanto, o *podcast* foi usado como material didático em 14 disciplinas, a saber: “Introdução à Antropologia” (quatro turmas), “Antropologia da Saúde”, “Antropologia do Corpo e da Pessoa”, “Antropologia da Morte”, “Antropologia e Mercado de Trabalho”, “Sociedades Indígenas”, “Métodos e Técnicas em Antropologia Social”, “Ciências Sociais em Saúde”, “Pesquisa Social em Saúde”, “Saúde e Sociedade 2” e o “Programa de Extensão Diálogos Universidade-Escola”. As aulas foram planejadas entre as professoras, suas monitoras e a equipe do Mundaréu. Assim que a docente tivesse definido em qual unidade do programa gostaria de usar um episódio, a equipe do Mundaréu fazia sugestões de episódios que poderiam dialogar com aquele conteúdo, bem como sugestões de uso do material (em que momento usar, com qual material complementar, a partir de qual dinâmica em sala de aula etc.). Estava previsto que a dupla da equipe do Mundaréu que se encarregasse do experimento naquela disciplina, apresentasse à professora um plano de aula.

Dentre vários materiais construídos ao longo daquele semestre de 2020, no presente artigo, analisaremos três deles, a saber:

- A. A equipe do Mundaréu elaborou um conjunto de cinco perguntas abertas sobre o uso de *podcast* como material didático. As perguntas foram enviadas às estudantes e obtivemos 35 respostas, de cinco disciplinas diferentes: “Saúde e Sociedade 1” e “Pesquisa Social em Saúde” (do curso de Saúde Coletiva), duas turmas de “Introdução à Antropologia” e “Antropologia e Mercado de Trabalho” (do Departamento de Antropologia).

- B. Também foi elaborado previamente um roteiro com perguntas amplas acerca da experiência de usar o *podcast*. As perguntas eram sobre a voz, as músicas e os sons do *podcast*, além de perguntas sobre outras formas de consumir *podcasts* fora do espaço da sala de aula. Uma primeira versão desse formulário, até então com as respostas abertas, foi melhor estruturado e transformado em um formulário *online* com 21 questões, em sua maioria de múltipla escolha, o que facilitou que mais estudantes respondessem. Tais questões podem ser agrupadas nos seguintes temas: i) dados de identificação do curso e da disciplina; ii) hábitos de escuta de *podcasts*; iii) qualidades técnicas, vocais e sonoras do episódio escutado e iv) o aprender com um *podcast* e com a escuta. Este questionário obteve 122 respostas de estudantes.
- C. A terceira e última fonte de dados é uma questão aberta, “Como a escuta é uma forma de aprender Antropologia, o que entendemos melhor pela audição?”. Ela foi respondida por 38 estudantes de uma turma de “Introdução à Antropologia” e fez parte de uma atividade avaliativa feita pela professora dessa disciplina. As respostas foram discursivas e um texto foi o guia para a reflexão das estudantes: “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever”, de Roberto Cardoso de Oliveira (1996).

### **3 Contexto geral**

Das 14 disciplinas que receberam o projeto, 10 eram de Antropologia. 63% dos estudantes que participaram estavam matriculados em “Introdução à Antropologia”, uma “disciplina de serviço”, como chamamos na UnB, já que é obrigatória para muitos outros cursos além das Ciências Sociais. Mas havia também uma expressiva presença de estudantes de Saúde Coletiva. Foram registrados estudantes de 26 cursos distintos (bacharelados e licenciaturas) da UnB, dos quais pode-se dizer que a maioria era de Ciência Política (21,3%), seguidos por Saúde Coletiva (15,6%), História (9,8%) e Ciências Sociais (9%). De modo majoritário, 43,8% haviam ingressado no semestre letivo vigente à época, o primeiro de 2020. Eram, portanto, “calouros” ou “bichos”, como se diz.

De todas essas estudantes, a maioria nunca havia cursado uma disciplina na qual os *podcasts* fossem usados como material didático. Das 122 respostas, 105 foram “não” para a questão, isto é, 86% das estudantes que responderam. Os 14% restantes (17

pessoas) afirmaram terem ouvido *podcasts*, especialmente na disciplina “Elaboração de Trabalho Científico”.

Com relação à frequência com que costumavam ouvir *podcasts* em seu cotidiano, observou-se o seguinte:

**Tabela 1. Frequência com que ouvem *podcasts***

<b>Frequência</b>	<b>Respostas</b>
diária	14 respostas (11,5%)
semanal	46 respostas (37,7%)
quinzenal	12 respostas (9,8%)
mensal	24 respostas (19,7%)
anual	11 respostas (9,0%)
nunca	15 respostas (12,3%)

Isso mostra que a maioria das estudantes que responderam ao formulário está conectada à podosfera, ouvindo ao menos uma vez por semana, seguida por uma outra parcela que costuma ouvir mais espaçadamente, de modo mensal. No entanto, boa parte também mostrou não ter nenhum costume de acessar os programas e uma parcela menor ouve apenas anualmente ou nunca (no total, 21,3%).

Além disso, dentre essas ouvintes mais assíduas, os *podcasts* mais escutados são: de jornalismo (“O Assunto”, “Café da Manhã”, “Foro de Teresina”, “Xadrez Verbal”, “Mamilos”), histórias (“Não Inviabilize”, “Afetos”, “Infiltrados no Cast”), educação e política (“História no Cast”, “AntiCast”, “Infiltrados no Cast”). *Podcasts* em línguas estrangeiras também foram mencionados: de histórias (“Welcome to night Vale”), mitologia grega e romana (“Let 's Talk About Myths”) e comédia (“Off menu”). Percebemos aqui que os interesses e gostos são diversificados, mas ao mesmo tempo, se encontram na escolha de temas da política, notícias e questões sociais, bem como entrevistas, histórias, fofocas, bate-papos, conversas, humor, mitologia.

Perguntamos onde esses estudantes costumavam ouvir os *podcasts*, e muitos lugares foram lembrados e eles puderam escolher várias das opções que sugerimos. A grande maioria afirmou ouvi-los em casa (72,3%), mas também no ônibus (14,8%), no trabalho (4,5%) e nos espaços para realizar atividades físicas (2,6%).

Quisemos saber com quem ouviam os podcasts, no que também foi possível marcar mais de uma resposta. Quase todo mundo relatou ouvir *sozinho* (94,4%). Uma estudante ouvia com colegas de quarto/apartamento- (0,8%), três ouviam com companheiros (2,4%) 2,6% e três tinham a família nuclear como companhia (2,4%). Isso mostra uma audição individual, seja em momentos de relaxamento, seja nos durante a realização de outras atividades.

Algumas das características relacionadas ao som, como entonação das vozes, falas, sotaques, cadência, pausas, silêncios, músicas, efeitos sonoros e duração dos episódios foram mais amplamente abordadas por duas perguntas: “As apresentadoras e apresentadores do Mundaréu falam com uma dicção: ótima (72%); boa (27%); razoável (0,8%)” e “As músicas atrapalham ou ajudam no acompanhamento dos episódios?”: ajudam (91%); atrapalham (8%). Esses dados ajudam-nos a perceber como os episódios promovem e facilitam a concentração e compreensão dos ouvintes sobre o que estava sendo falado, discutido e articulado. De modo geral, o recurso de utilizar músicas em transições de falas, assuntos ou de blocos do roteiro contribuem para envolver a ouvinte na atmosfera da conversa, além de evitar o monólogo ou a distração ao escutar as pessoas falando por muito tempo. As músicas, além do mais, também animam e criam uma identidade para o *podcast* no caso da vinheta e sugerem ambientações sonoras para assuntos específicos, por exemplo. Se bem inseridas de modo a não concorrer com o que é dito, elas podem ajudar a criar uma maior interatividade com o programa e imersão das ouvintes nos episódios.

#### **4 Qual é a diferença entre aprender com material escrito e material de áudio?**

A partir dessas informações, podemos visualizar um panorama de como é a relação das estudantes com o uso dos podcasts em seu dia a dia e na sala de aula. Antes de introduzir os dados de cada questão, adiantamos que as respostas serão tratadas em duas vertentes. A primeira, centrada nas reflexões sobre o que é “ouvir” a partir da escuta dos episódios; e a segunda, sobre o ato de aprender Antropologia escutando.

A pergunta “Que diferenças você nota entre aprender com um material escrito e um material de áudio?”, foi respondida por 122 estudantes e é possível perceber algumas ideias gerais sobre a questão. A primeira delas é a de que o áudio permite maior dinamicidade e fluidez ao aprendizado, deixando o estudo menos monótono, já que

diversifica os materiais didáticos. Também facilita compartilhar com amigas ou colegas de curso as histórias que estão sendo contadas. Além disso, o áudio é entendido como uma ferramenta que aproxima a ouvinte das experiências de quem fala, tornando o espaço de escuta um lugar de intimidade.

Dito isso, o entendimento sobre o ouvir apareceu de três formas: i) o ouvir faz-se presente por meio de um sentido próprio, pois carrega suas especificidades sonoras e simbólicas; ii) ele é complementar ao olhar; e iii) é recíproco a este, sem hierarquia. Aqui, um debate entre “texto vs podcast” atua como uma reencenação do debate entre “olhar vs ouvir”, muito presente entre antropólogos em meados das décadas de 1980 e 1990, que discutiam a “etnomusicologia”, ou Antropologia da Música, e isso será abordado logo adiante.

Os ouvintes também costumam gerar e acessar *links* agregados aos episódios que expandem ainda mais o universo da escuta e da comunicação, pois agregam outras informações e conhecimentos, com textos, imagens, sons e vídeos àquilo que foi ouvido. É o que Assis (2011) chama de hiperlinks e hipertexto, sendo o *podcast* um hipertexto.<sup>4</sup> Além disso, um *podcast* geralmente traz, além de intertextualidades, intertexturalidades, com timbres de vozes diversas, músicas, efeitos sonoros, trechos de livros, filmes, poemas (FLEISCHER e MANICA, 2020), os quais efetivamente constituem a paisagem sonora do *podcast*. Alguns relatos são bem interessantes para pensar como o ouvir é entendido como um sentido próprio:

No material de áudio, você se sente muito mais próximo, como se estivesse até vivendo a experiência ou em sala de aula tendo aula, coisas que o material escrito não proporciona. (estudante de Ciência Política, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

O áudio tem mais emoção, mais cor. (estudante de Antropologia, na disciplina “Antropologia da Saúde”).

Ao ouvir, de certa forma, se cria uma ideia de participação no evento de campo que a escrita não permite - a voz, a forma de falar, as palavras ditas dão um novo

---

<sup>4</sup> Geralmente, um episódio de podcast possui uma descrição de seu conteúdo ou tema, podendo incluir também hiperlinks que dão acesso a outros canais, redes, plataformas, notícias e informações. Desse modo, Assis sugere que no processo de produção de podcasts, muitos podcasters incluem trechos e links de outros programas em seus próprios, no que os ouvintes acabam criando uma lógica própria de acesso e compartilhamento.

sentido e uma nova interpretação ao fato. (estudante de História, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

Por meio do áudio, os estudantes afirmam ser mais fácil visualizar o que é dito, o que torna o conteúdo mais acessível, didático, interativo e fácil de compreender, humanizando o aprendizado. Mas nos atentemos também ao seguinte relato, no qual a ideia de escuta e leitura, de ouvir e ver são tomadas como complementares: “Acho que os dois se complementam. O *podcast*, por ser uma ferramenta oral, torna mais fácil a compreensão de um texto que tem uma leitura mais densa e complexa” (estudante de Relações Internacionais, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

Por outro lado, algumas pessoas sentem dificuldade em manter a atenção presa apenas no áudio e se atém mais ao estímulo visual do texto na hora do estudo:

Pra mim, aprender com áudio demanda uma atenção dobrada, uma vez que ouço podcasts enquanto faço outras coisas. Diferentemente de quando estou lendo um texto. (estudante de Antropologia; na disciplina de “Antropologia e Mercado de Trabalho”).

Pessoalmente, eu tenho um pouco de dificuldade de me concentrar com um material apenas em áudio (talvez eu esteja muito condicionado à visão, que me prende mais). Talvez também seja uma questão geracional, imagino que alunos mais novos possam se sentir mais confortáveis com podcasts. Me parece que a leitura demanda uma atenção mais intensa, e, nisso, o foco não é "disputado" por outros estímulos externos. Eu sinto que somente o áudio, por outro lado, "disputa" a atenção com a visão. Percebi então que uma opção mais possível de me concentrar em podcasts é realizar outra atividade um pouco "mecânica", como limpar a casa ou fazer algum exercício. (estudante de Ciência Política; na disciplina de “Introdução à Antropologia”).

Esses relatos são interessantes não só para notarmos as dificuldades ou opiniões diversas dos estudantes com a experiência de estudar de outra forma, mas de observar também a interdependência dos sentidos - visão, tato, escuta, paladar- no ato de conhecer. O estímulo visual pode ser uma questão de costume, já que habitamos uma era com grande quantidade de estímulos de imagem, como propagandas, internet, TV, cinema, *outdoors* etc. Não nos acostumamos a apenas *ouvir*, e geralmente buscamos algum outro estímulo que nos ajude a concentrar no áudio. Porém, a depender do tipo de áudio que se escuta, como o Mundaréu, que traz assuntos, histórias e debates mais densos, realizar uma atividade paralela pode atrapalhar a escuta, o que provavelmente é o caso dos estudantes

acima. O contar histórias pressupõe, aqui, como já falado, a ideia de criar paisagens ou imagens sonoras (VEDANA, 2010), que são as imagens que criamos em nosso cérebro dos lugares e seus limites, através do estímulo contínuo aos ruídos, sons, falas e músicas que circundam os ambientes. Ou seja, sons também podem criar imagens, não necessariamente substituem ou interrompem as imagens.

#### **4.1 A Antropologia do som e da música no aprendizado pela escuta**

A partir disso, sobre o debate “ouvir vs ver” dentro da Antropologia do Som, da Música, Sonora ou Etnomusicologia, Bastos (1995) analisa a história da Etnomusicologia e sua formação como disciplina, abordando seus dilemas dentro do campo antropológico e sociológico. Ele afirma que o termo “etnomusicologia” como definidor da disciplina é sociologicamente ambíguo, o que dá origem a um paradoxo

[...] pois procura, como logia que intenciona ser, a inteligibilidade dentro da quadra — a Arte — atribuída no Ocidente ao sentir. Isto ela ainda mais extremiza quando, enquanto também "parte" da Antropologia (uma Ciência Social) que aspira ser, vai buscar esta inteligibilidade no social (dos ethne). Mas a música, sua âncora mais funda, está no território que o pensamento Ocidental consagrou ao indivíduo ou — quando ao social— sempre à sua sensibilidade, nunca à inteligibilidade sua. Ademais, este social que a Etnomusicologia busca não se encontra no terreno do familiar (do "nós"), mas no da extrema alteridade, paradoxo que arremata a natureza ambígua da inclusão musical-artística da disciplina (:29-30).

Ou seja, a disciplina da Antropologia da música encontra, ao menos nas produções mais antigas, esta dualidade entre buscar, por meio da justificativa da arte, ligada aqui à sensibilidade, interpretações para o “social” como regras, mitos e estruturas de pensamento. Por outro lado, como parte de uma Antropologia, parte do social para analisar o “musical” e o “artístico”, mas ligado novamente ao sensível, não ao inteligível. O arremate, segundo Bastos, se dá pelo fato de que, mesmo partindo do social, é na música, ou mais ainda nos “sons” que a disciplina se atém de modo mais profundo, por isso, o foco recai no ouvido e nas sensibilidades “artísticas” ligadas a esta atividade. Portanto, prioriza-se a capacidade de perceber os sons e de ligá-los a sentimentos, emoções ou a explicações “menos racionais” do que aquelas até então preferidas pelas ciências humanas. Dá-se um debate sobre o uso dos sentidos no trabalho de campo.

Dou mais dois exemplos de antropólogos da tradição etnomusicológica para percebermos seus modos de interpretar a música ou os sons em determinado contexto

social. Steven Feld (1984) procura entender como os Kaluli da Papua Nova Guiné percebem e “organizam os sons” que ouvem na natureza ou que produzem através da fala, dos cantos e dos instrumentos musicais. A partir dessa observação, ele tenta descrever a “performance sonora” Kaluli e atribui interpretações a tais descrições. Assim, passa a identificar estruturas de pensamento, formas de expressão e metáforas Kaluli. Isso é o que Feld chama de uma “sociomusicologia comparativa”, isto é, a análise e a comparação detalhadas de dados a respeito das músicas ou dos sons de um povo que partem de seus aspectos sociais, devidamente situados histórica e etnograficamente (1984, p. 181).

Anthony Seeger (1987), diante dos cantos dos Kîsêdjê, da região do Xingu no Mato Grosso, analisa os aspectos musicais do rito da Festa do Rato e descreve estruturas de nomes e nomeações, palavras, fonemas e ações sonoras, concentra-se justamente no “porquê” destes sons, isto é, nos sentidos que eles assumem naquele contexto. Ele pretende alegar, por conseguinte, como as “performances musicais” criam diversos aspectos da cultura e da vida social (*ibid*, p. 14). Desse modo, Seeger também centra sua investigação naquilo que enfocamos aqui até agora: no ouvido e na escuta. Lembro, voltando ao *podcast*, das especificidades que assumem os sons, as falas, as músicas, os sotaques e os efeitos sonoros na nossa escuta e o modo como as estudantes notaram isso em suas respostas. Para além da percepção da dicção das apresentadoras como *boa/ruim* ou da presença das músicas nos episódios, as estudantes puderam perceber como o ouvir os conecta a uma dimensão mais profunda das histórias contadas, dos casos relatados e comentados. Notar os sotaques e a cadência das falas é também acessar o simbólico do discurso que se pronuncia, é acessar, em parte, aquilo que estrutura a experiência e a visão de mundo de quem fala. Sendo assim, denotar modos de pensamento, posicionamentos, sentimentos, emoções, opiniões discordantes ou não, profundidade e envolvimento com as histórias são características próprias do ouvir que podemos perceber.

Ainda assim, há a questão do ouvir como complementar ao olhar e não hierarquizado a ele. Um ponto importante é que essa tradição de antropólogos e etnografias parece eliminar a presença da visão em seus estudos. Como bem argumenta Campos (2020) ao recordar Tim Ingold, afirmando a indissociabilidade dos sentidos, ela retoma a necessidade de reconhecer que visão e audição estão presentes no trabalho de campo:

Ingold (2008) analisa esses três estudos e desconstrói essa primária aural, percebendo que a visão também seria importante e utilizada pelos povos, em diálogo com a própria audição. Ele chama a atenção para o contraste entre audição e visão, nos três trabalhos, que estariam alinhados com uma visão tradicional no Ocidente de que enquanto o som penetra, a visão isola. O som seria dinâmico, ao passo que a visão seria estática, o som seria coletivo e a visão um ato individual. De um modo mais geral, ouvir seria participar, e ver seria observar à distância (Campos, 2020, p. 203).

#### **4.2 Como aprender Antropologia pela escuta?**

No Mundaréu, estas paisagens sonoras são as experiências de campo, de vida, as histórias e empreitadas contadas por antropólogas e interlocutoras. A formação de uma ambiência ou paisagem do lugar descrito ou da experiência relatada ocorre a partir dos efeitos sonoros utilizados, da música que é aquela que esteve presente no lugar visitado pela narradora, ou até mesmo de certos sons cotidianos que vez ou outra aparecem ao fundo da fala de alguém. É a partir disso que conseguimos adentrar no episódio e entender o que está sendo discutido ali. Daí, imaginamos as pessoas e suas relações e entendemos com maior facilidade um conteúdo, um conceito discutido e, por fim, o debate empreendido em sala de aula.

As respostas à pergunta, “Como a escuta é uma forma de aprender Antropologia, o que entendemos melhor pela audição?”, revelam, no geral, que através da escuta a antropóloga pode se aproximar de suas interlocutoras e acessar informações, histórias e ideias novas. É justamente nesta troca entre os dois sujeitos que se abre um campo semântico mutuamente compartilhado, permitindo uma interação mais horizontal e mais intensa. Somente a observação não proporcionaria uma conexão completa (Cardoso de Oliveira, 1996). A tarefa de conhecer o outro exige a interação e a troca, que são essencialmente subjetivas e acontecem também pela linguagem, símbolos, interpelações. A disciplina de “Introdução à Antropologia” se propunha a apresentar justamente essas formas de interação que se tornam base para a produção do conhecimento antropológico. Algumas respostas reúnem essa reflexão muito bem:

Pela escuta “...o antropólogo assume um papel na sociedade observada [...] e assim compreende os símbolos. A audição é a interação e posteriormente o resultado em forma de escrita [...]” (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);

Pela escuta, o antropólogo pode chegar a respostas mais objetivas e até descobrir coisas das quais não foram perguntadas e que o entrevistado se pôs a falar. A escuta é um caminho mais direto para apreender informações e fazer análises. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);

Pela audição, somos capazes de entender melhor as motivações de certos grupos, pessoas ou tradições, devido ao fato de que a escuta demanda concentração e uma certa conexão entre os interlocutores. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);

A escuta é uma maneira de aprender Antropologia pois, através dela, podemos horizontalizar a troca de informações entre pesquisador e pesquisado. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”)

Concentração e conexão são as atividades que o escutar demanda e proporciona tanto na atividade de pesquisa, no “aprender em campo”, quanto no aprendizado de Antropologia, “no aprender em sala de aula”. A escuta é mais do que receber estímulos sonoros, é transformar estes estímulos em informação, em imagens, em imaginação. É um ouvir atento, que como bem sugere Vedana, ocorre dentro de uma ambiência sonora, isto é, um espaço cheio de simbolismos e formas expressivas (2010, p. 7), cujos sons, ruídos, ritmos, músicas e falas permitem com que cada participante em campo interprete o outro. Como bem sintetizou um estudante matriculado na disciplina de “Introdução à Antropologia”. Quando o pesquisador e o entrevistado se tornam interlocutores de um discurso, eles criam um espaço semântico partilhado por ambos, em que ocorre uma “fusão de horizontes”. Isso reforça o ato da escuta como forma de conexão e como possibilidade de criação de um campo semântico em que pesquisadora e pesquisada trocam visões de mundo e experiências. É propriamente a efetivação do “encontro etnográfico”.

Aí, novamente o ouvir pode complementar o olhar. É o que uma estudante comentou sobre o trabalho etnográfico: “A escuta complementa o olhar, já que nem tudo pode ser captado apenas pela observação”. Fomos assim percebendo, até aqui, que a visão também exerce seu papel. Campos (2020), em etnografia em uma Escola de Música da UFRJ, destaca não só o que pôde perceber através da audição, ali o principal sentido valorizado, considerando que estava em uma escola de música e sua pesquisa pretendia observar a formação de um regente de orquestra, cuja audição é essencial para a profissão, mas também o que pôde ver quando assistia aos músicos tocando instrumentos diversos, com expressões faciais que denotavam sentimentos e sensações diversas. Também

procurou interpretar como os próprios nativos utilizavam, além da audição, seus outros sentidos, abrangendo a visão e até o tato, por conta do contato com a materialidade do instrumento.

Cardoso de Oliveira (1996), no célebre texto “O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever”, inclusive utilizado em várias das disciplinas que visitamos, também discorre sobre essa conjunção entre *olhar* e *ouvir* no trabalho de campo. Em campo, quando “estamos lá”, conjugamos olhar e ouvir na interação chamada “observação participante”. Visualizamos a situação de determinada maneira, mas ao ouvirmos, alteramos e adensamos essa relação, produzindo um espaço semântico compartilhado por ambos e graças ao qual pode ocorrer a “fusão de horizontes” (*ibid*, p. 21). Já no que considera a “configuração final do produto desse trabalho” (*ibid*, p. 22), isto é, o ato de escrever, a antropóloga (re)vive a experiência “estando aqui”, pois lembra-se do que viveu e recorre a seus arquivos, anotações, cadernos de campo, materiais fonográficos e etnográficos diversos que foram construídos “estando lá”. Ao reacessar memória visual, auditiva e sinestésica em geral, pode novamente acessar o “lá” mesmo estando agora num “aqui” distante.

No contexto do uso do *podcast* na sala de aula, essas estudantes perceberam que ouvir é uma parte importante no aprender Antropologia. Fazer Antropologia é manter a escuta ativa, não apenas em campo, mas também em sala de aula e também nos momentos em que se preparam antes de chegar à sala de aula ou depois dela, quando vão realizar tarefas de reforço dos conteúdos. O *podcast*, por sua vez, é esse meio que essencialmente treina a escuta ativa, tão essencial à atividade antropológica. Portanto, sugerimos aqui a importância do aprender Antropologia escutando: em campo, em sala de aula e, em diversos outros lugares, com o *podcast*. Este, ao aproximar a ouvinte das histórias das pessoas que experienciaram a pesquisa, esse envolvimento com o “outro”, acaba dando mais “cor”, vida e sentimento às histórias, aos textos, teorias. Dessa forma, humaniza, sensibiliza e aproxima, podendo tornar mais didático, dinâmico, próximo e espontâneo o aprendizado de Antropologia.

## **5 Considerações Finais**

Nossos projetos, tanto na produção do Mundaréu, quanto na utilização deste *podcast* em aulas de Antropologia, fomos aprendendo que os sentidos estão sempre

conjugados e nunca sozinhos ou separados na produção de nossa área de conhecimento. Eles estão presentes antes, durante e depois do trabalho de campo, bem como antes, durante e depois da sala de aula e, por isso, são parte intrínseca do fazer antropológico e da formação antropológica.

A versatilidade do podcast está também ligada ao uso dos nossos diversos sentidos, em que agregamos ruídos, falas, efeitos, músicas, sons, vozes, emoções - que permitem criar imagens sonoras em nossas mentes e, também porque temos a chance de trocar impressões nas atividades formativas em sala de aula, alargar nosso universo de conhecimento, de sensações, de experiências. As possibilidades de aprendizagem com o uso dessa mídia com conteúdos de Antropologia são muito versáteis e positivas, como constatamos com os comentários das estudantes da Universidade de Brasília que receberam episódios do Mundaréu em suas disciplinas e salas de aula. O *podcast* propõe uma outra forma de aprender, que é conhecendo relatos de antropólogas e interlocutoras, que é treinando a escuta, que é se permitindo alargar a imaginação sobre o que e como fazemos a Antropologia. Esta pode ser uma ótima ferramenta pedagógica não apenas no contexto de aulas remotas e *online*, mas também de integrar ementas e programas de curso presenciais, com possibilidades de uso diversas, nas aulas, em casa, como estudo individual, em grupo, e por aí vai.

## Referências

ASSIS, Pablo de. O Imaginário do Rádio e o Podcast. **Comunicologia: Revista de Comunicação da UCB**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.

BASTOS, Rafael José de. Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. **Anuário Antropológico/93**, Rio de Janeiro, 1995.

CAMPOS, T. de S. O Regente sem orquestra: Notas de uma etnografia da audição. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 56, 2020.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996.

FELD, Steven. Simpósio sobre sociomusicologia comparativa: Estrutura sonora como estrutura social. **Sociedade e cultura**, [S.l.], v. 18, n. 1, 2015 (1984).

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. “Ativando a escuta em tempos pandêmicos“. In: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol. (Orgs.). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, pp. 47-51.

LUNDSTRÖM, M.; LUNDSTRÖM, T. Podcast ethnography. **International Journal of Social Research Methodology**, [S. l.] v. 24, n. 3, 2021.

OLIVEIRA, Hugo Virgílio de. Antropo...o quê? O uso de podcast para descomplicar e ensinar Antropologia. **Novos Debates**, [S. l.], v.7, n. 1, pp.1-9, 2021.

PORTO, Adriana Corrêa Silva. **Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência**: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Fortaleza, 3 a 7 de setembro de 2012.

RIBAS, P.; NORONHA, A. Podcasts em sala de aula. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 9, n. 16, 2022.

SEEGER, Anthony. **Por quê cantam os Kîsêdjê**- uma antropologia musical de um povo amazônico. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [1987].

VEDANA, Viviane. Territórios sonoras e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. **Revista Iluminuras**, UFRGS, v. 11, n. 25, 2010.